

comitês de resistência francesa durante a II Guerra Mundial, em nenhum momento submeteu sua vida à força do governo. Entre revoluções e guerras da primeira metade do século XX, tendo a liberdade como norte, seguiu adiante na navegação incerta e perigosa da vida.

a primavera insolente de michel foucault | edivaldo v. da silva*

Michel Foucault. *Le Courage de la Verité. Le gouvernement de soi et des autres II. Cours au Collège de France (1983-1984)*. France, Seuil/Gallimard, 2009, 351 pp.

Vinte e cinco anos após sua desapareição, Michel Foucault continua a produzir ressonâncias e estender as fronteiras histórico-sociais que tornam a enunciação discursiva possível. Último curso proferido no Collège de France, “*Le Courage de la verité*”, dá prosseguimento à analítica da relação sujeito e verdade que marcara os últimos doze anos de suas pesquisas. Desde o curso de 1982, “*Hermenêutica do Sujeito*”, Foucault, analisando a ‘direção de consciência’ e as ‘práticas de si’ na antiguidade greco-romana, nos séculos I e II de nossa era, detêm-se na técnica nomeada *parrehsía* — o ‘falar-franco’, o ‘tudo dizer’ — dispositivo, ao mesmo tempo, técnico e ético, exigência do discurso verdadeiro como base ontológica do discurso filosófico.

Em 1983, no mesmo Collège de France, ministra o curso “*Le gouvernement de soi et des autres*” onde irá dedicar-se à analítica da *parrehsía política*, na configu-

* Doutor em Ciências Sociais pela PUC-SP.

ração da cidade grega como *democracia* ou *tiranía*, e os riscos extremados — o exílio, a escravização, a morte — em que incorre o parresiasta, seja diante do tirano, seja diante da multidão em praça pública.

Em “*La courage de la vérité*”, trata-se de analisar o regime de verificação grega, no qual o parresiasta divide a condição de produtor do ‘dizer a verdade’ com três ordens distintas: a) a ordem da profecia; b) a ordem da sabedoria; c) a ordem do ensino ou *tekhnê*.

O profeta não se confunde com o parresiasta, porque não fala em seu próprio nome, geralmente se coloca como emissário de um deus; seu discurso não é orientado para a clareza e simplicidade, mas para o obscuro, ou mais precisamente para o enigma que envolve, não raras vezes, revelações e premonições sobre o devir.

O sábio é aquele que detém uma sabedoria por demais abstrata sobre o mundo e as coisas, carrega uma tradição de conhecimentos imemoriais, porém sem se postar em uma economia utilitária, seu traço essencial é o silêncio estrutural, o mutismo que recua somente quando a cidade se encontra em situações emergenciais.

O professor ou técnico é aquele que detém conhecimento e tem a obrigatoriedade da palavra, do ensino, da transmissão de conhecimentos e verdades aos outros, no entanto, ao avesso do parresiasta, não corre nenhum risco, não tem que ser forçosamente corajoso.

Estes elementos formam, de acordo com Foucault, um retângulo dos quatro grandes modos de verificação, o regime de verdade da cultura ocidental na Antiguidade, porém, tais elementos podem se recombinar de formas diversas em outras culturas, espaços e tempos históricos.

Os quatro modos de verificação do mundo helênico encontravam-se, a princípio, reunidos na figura histórica do filósofo Sócrates: a missão parresiástica de

abordar os homens para que aprendessem a cuidar de si mesmos lhe é revelada profeticamente no *Oráculo de Delfos*; o domínio de si, o controle dos prazeres, a capacidade de se abstrair do mundo e, principalmente, de cultivo do silêncio, por conta de seu próprio método de produção de conhecimento, baseado na interrogação, assegurava-lhe uma similitude com o sábio; por fim, o grande dilema socrático, o de como ensinar os homens a *epiméleia heautoû*, o cuidado de si, o colocava na condição de professor ou *tekhnê*.

Nas próximas aulas, Foucault se dedica ao que parece ser quase que uma obrigação para um professor de filosofia, “dar um curso sobre Sócrates e a morte de Sócrates” (p. 143), porém, sua intenção vai muito além, trata-se de distanciar Sócrates dos modos de dizer a verdade do profeta, do sábio e do professor, afirmando-o decididamente como fundador da *parrehsía ética*. Não menos importante, irá sacá-lo da tradição metafísica platônica do *Alcibiades*, da máxima *gnôthi seautôn* — conhece-te a ti mesmo — e levá-lo de volta à tradição grega da *epiméleia heautoû*, o cuidado de si, a partir da analítica de uma outra obra de Platão, que reproduz os diálogos socráticos, o “*Laches*”.

Não se trata mais da *psukhê*, da alma como “realidade ontológica do corpo”, substância etérea e essência de uma narrativa metafísica do mundo, mas do *bios*, a vida, feita e refeita na intensidade de sua imanência, estilo de vida ou maneira de viver sistematicamente posta à prova pela *parrehsía* socrática, trabalho contínuo de elaboração da existência como uma ‘obra bela’. A coragem da verdade se introduz nesta economia do cuidado de si para a produção da vida como ‘estética da existência’, demanda de completude e harmonia entre estilo de vida e discurso verdadeiro. Na estilística parresiástica analisada e construída por Michel Foucault, Sócrates se constitui como obra de arte única por levar sua coragem de verdade ao extremo não no plano da tri-

buna política, mas em um campo de experiência novo, o espaço do *ethos*, do exercício da ética.

Na segunda hora, por assim dizer, do curso *Courage de la vérité*, Foucault se dedica à analítica da *parrehsia* constituída como escândalo, por uma *troupe* de filósofos, os *cínicos*, que circundava o mundo greco-romano inscrevendo a verdade no próprio corpo, articulação mais radical do dizer a verdade com o modo de vida.

Na acepção mais corrente, o cínico é o filósofo que se encontrava convictamente na economia da mendicidade, no caminho da errância nômade, da ausência de laços afetivos, da exposição pública da alimentação e do sexo — é a relação sexual de Crato e Hiparquia, a masturbação de Diógenes —, a visibilidade absoluta da vida, no espetáculo pirotécnico de Peregrinus, atendo fogo em seu próprio corpo.

No entanto, Foucault considera o cinismo como expressão parresiástica que atravessa regimes de veridicação diversos, fenômeno trans-histórico, assumindo formas diversas na história do mundo ocidental. O cinismo penetra na Europa cristã através da mística de ascetas, apóstolos, ordens de mendigos se contrapondo à organização institucional do cristianismo que irá desembocar, com a queda do mundo pagão, no poder pastoral.

Entre os séculos XIX e XX, o cinismo se reconfigura enquanto práticas políticas, modo ou estilo de vida revolucionário, forma escandalosa e insolente de enunciação da verdade. Foucault reconhece três modalidades de práticas revolucionárias, porém, somente a terceira se materializa enquanto *parrehsia cínica*: “1º) as sociedades secretas com objetivos milenaristas; 2º) a vida revolucionária como organização visível (sindicatos e partidos políticos); 3º) o militantismo como testemunho para a vida, sob a forma de um estilo de existência” (p. 170).

A primeira modalidade carece de uma analítica mais detida de Foucault, possivelmente por se tratar de uma correlação de forças formadas nas “dobras” da Idade Média e na constituição do poder pastoral.

A vida revolucionária como organização visível apreende toda segunda metade do século XIX e quase todo o século XX, da constituição de sindicatos da classe operária aos partidos políticos comunistas e socialistas, ou antes, a longa trajetória de captura e dissolução do escândalo cínico nos valores e padrões de conduta normativos de estruturas partidárias, que institucionaliza e legaliza supostas resistências.

A terceira modalidade, ou antes, a *parrehsia cínica* adota nas diversas modulações que se espalham na imanência do mundo — o carnaval, as festas, sabats da Idade Média, o niilista russo, o anarquista, o terrorista, o artista moderno —, a explosão da verdade como violência que se arroja contra a matriz ontológica dominante no pensamento ocidental, o cuidado da “alma” platônico que se renova como poder pastoral, razão científica ou consenso democrático.

“*Courage de la vérité*” é o esforço último de Foucault de afirmação deste outro fazer filosófico, negligenciado e banido no pensamento ocidental, que não aspira um outro mundo, mas uma vida outra a partir de um pensamento que se constitui no corpo como campo de experiência e *locos* de produção do “dizer a verdade”. Na primavera europeia de 1984, Foucault se faz *basanos*, “pedra de toque” do *bios philosophikos*, da vida filosófica que afronta escandalosamente a mentira canonizada como o “bem absoluto”. Nada mais atual, nada mais necessário!